

PORTUGUÊS: LINGUAGENS

Uma conversa com **William Roberto Cereja**
por Adriano Lobão Aragão



fotos RAFAEL ALBUQUERQUE

William Roberto Cereja é ganhador do Prêmio Jabuti de 1999, com o livro didático co-escrito com Thereza Cochar Magalhães, *Gramática: Texto, Reflexão e Uso*. Tem artigos publicados por importantes veículos de mídia no Brasil, como Folha de S. Paulo e Gazeta Mercantil. Graduado em Português pela Universidade de São Paulo (USP), com Mestrado em Teoria Literária pela mesma instituição de ensino e Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Cereja é professor da rede particular de ensino de São Paulo e autor das obras didáticas: coleção *Português: Linguagens* – 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio (3 volumes e volume único); coleção *Todos os Textos* – 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental; coleção *Gramática Reflexiva* – 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental; *Gramática Reflexiva* – volume único (Ensino Médio); *Literatura Brasileira* – volume único; *Gramática: texto, reflexão e uso*; *Panorama da Literatura Portuguesa*; *Texto e Interação*.

ADRIANO LOBÃO ARAGÃO | A coleção *Português: Linguagens* possui uma jornada de mais de duas décadas de ampla adoção para uso em salas de aula espalhadas por todo o país. A que o senhor atribui tamanha aceitação?

WILLIAM ROBERTO CEREJA | Na verdade, desde a primeira edição da coleção, inicialmente voltada apenas ao ensino médio, já são 27 anos. Durante todo esse tempo, a obra se reinventou e se renovou várias vezes, acompanhando as mudanças que vinham

ocorrendo nos estudos de linguagem, nas universidades brasileiras, bem como as novas propostas de ensino de Português trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. ensino de Língua Portuguesa. Se olharmos a atual edição com a primeira edição, veremos que na atual quase já não há mais nada da primeira. A reformulação é importante porque permite atualizar textos que envelhecem; atualizar conceitos, de acordo com as novas teorias ou novos enfoques; inserir conceitos novos, nunca antes trabalhados na educação básica, e assim por diante. Acredito que os professores, em todos os anos, perceberam essa busca constante dos autores e, por isso, confiaram à nossa obra a sua opção.

ADRIANO | Como enfrentar o desafio de elaborar material didático voltado para um país tão extenso e culturalmente diversificado como o Brasil?

WILLIAM | Viajamos muito pelo Brasil e conhecemos muito da realidade educacional do país, tanto das escolas públicas quanto das privadas. O diálogo com professores nos permite ver o ensino de Português sob uma perspectiva mais ampla. De qualquer modo, procuramos seguir as orientações gerais do MEC em relação a conteúdos e metodologia, que se estendem a qualquer escola. Mesmo assim, claro que sempre vai faltar, numa obra escrita para todo o país, um elemento da cultura ou da realidade local, o que é uma pena. Aliás, em relação à diversidade de textos, provenientes de vários pontos, essa é a principal dificuldade dos autores, independentemente do lugar em que eles vivam. E acredito que não seja uma dificuldade apenas de autores didáticos, mas de toda pessoa que trabalhe com produção cultural. Tentamos superar essa limitação incluindo na obra textos provenientes de diferentes Estados, mas mesmo assim é difícil. Por exemplo, por vezes queremos incluir uma reportagem ou um editorial de um jornal de outra região para trabalhar esses gêneros. Encontramos os textos na Internet, mas a qualidade dos textos deixa muito a desejar e, por isso, os textos não podem servir como exemplo desses gêneros jornalísticos. Às vezes, o jornal nem tem editorial... Tentamos incluir autores provenientes de diferentes Estados, mas mesmo isso é complicado. Por exemplo, os grandes cronistas mineiros como Drummond, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino – viveram todos no Rio de Janeiro e suas crônicas exprimem muito mais os ares desta cidade do que de Minas. Muita produção cultural – poetas locais, com publicações independentes; compositores regionais, de pequena circulação – não chega até os autores didáticos. Às vezes, quando chega, é difícil até conseguir autorização do autor, pois ninguém tem o contato dele. Enfim, são muitos os problemas. De qualquer modo, há um princípio básico que norteia a obra: acima da questão regional, o critério número 1 para a inclusão de um texto na obra é a qualidade dele, independentemente de sua origem. O texto deve falar com crianças e jovens de todo o país, deve ter um conteúdo significativo, transformador, senão não serve.

ADRIANO | Diante das inevitáveis atualizações e reformulações, o que permanece, digamos, intocável? E ao longo desses 27 anos de *Português: Linguagens*, o que mudou no autor William Cereja?

WILLIAM | Inevitavelmente, ganhei idade (risos) e também mais segurança e experiência para desenvolver minha atividade. Meu texto hoje é mais fluido e a tarefa de escrever para públicos variados (ensino médio e fundamental 1, por exemplo) já não é tão difícil como foi no passado. Outra mudança importante é que hoje sempre penso o ensino de língua portuguesa na vertical, mesmo quando estou trabalhando focado numa obra voltada a um determinado segmento. Desenvolver um projeto vertical de língua portuguesa, como é o caso da coleção *Português: Linguagens*, permite ver e pensar o ensino de Português como um todo, como um processo. A escolha de gêneros ou de conteúdos gramaticais, por exemplo, exige essa visão vertical, a fim de que os conteúdos não sejam repetidos de forma aleatória. Se há retomadas, é porque elas são necessárias e, por isso, devem ser planejadas. Enfim, acho que agora estou numa fase boa da vida para começar a escrever livros didáticos (risos).

foto RAFAEL ALBUQUERQUE



William Cereja durante evento em Goiânia, em 2016

ADRIANO | Um tema bastante discutido e controverso é a proposta de reforma do Ensino Médio. Qual o seu posicionamento em relação a isso?

WILLIAM | A proposta da reforma ainda não está pronta e, por isso, fica difícil comentar. Acredito que há necessidade, sim, de uma reforma do ensino médio. De fato, os conteúdos devem ser mais significativos para os jovens dos dias de hoje, que estão muito ligados à tecnologia e muito cedo entram no mercado de trabalho, principalmente os estudantes da escola pública. Porém, a mudança no currículo e até o aumento no número de aulas não garante que o adolescente permaneça na escola. O governo tem vendido a ideia de que um currículo mais ajustado à necessidade do jovem – alguns querem adquirir uma profissão já no ensino médio e ir trabalhar, e outros pretendem continuar os estudos e ir para a universidade – vai resolver o problema do ensino médio, mas isso é falso. Os problemas de abandono do ensino médio em nosso país estão relacionados à repetência. Os alunos da escola pública, por trabalharem durante o dia, por estarem cansados e com sono, e por encontrarem um realidade escolar pouco estimulante (professores mal pagos e desmotivados, classes lotadas, greves, falta de professores, etc.) acabam desistindo da escola. Eu mesmo fui um estudante que fiz o ensino médio noturno, depois de trabalhar todo o dia num banco. Sei bem o que é essa realidade e vi inúmeros colegas desistindo da escola por causa desse quadro. Acredito que, para resolver o problema da evasão e da repetência escolar no ensino médio seja preciso desenvolver um programa especial para o estudante-trabalhador que envolvesse governo-empresas-escolas: carga horária menor (por exemplo, 15 ou 20 horas por semana), flexibilidade de horários (de acordo com as exigências da escola), integração real entre o trabalho e a escola, etc. Enfim, o estudante seria tratado com dignidade, como um ser em formação e cujos estudos devem ser prioridade. Creio que um contexto como esse, de respeito e estímulo ao estudante-trabalhador, juntamente com um currículo estimulante e o uso de tecnologias da informação (o que ainda quase não existe nas escolas públicas), poderia criar um novo ensino médio no país.

ADRIANO | Como se deu o início do trabalho com Thereza Cochar Magalhães?

WILLIAM | Nós nos conhecemos em 1985. Tínhamos uma amiga em comum, que já era autora didática, que nos convidou para desenvolver um projeto de ensino médio pela Editora Atual, que estava abrindo uma espécie de concorrência de 10 equipes, que enviaram o projeto e alguns capítulos. Ganhamos a concorrência e começamos o trabalho, mas, com o passar do tempo, essa amiga acabou desistindo. Ficamos eu e a Thereza.



Palestrando para professores em Goiânia, em 2016

ADRIANO | A relação entre didática e tecnologia costuma ser algo recorrente. O modelo de escola predominante no Brasil, atualmente, supre a dinâmica dessa relação?

WILLIAM | Estamos vivendo um momento transitório, em que o livro impresso convive com o digital. Mas o uso do digital ainda é muito incipiente. Há muito que fazer e que melhorar. Hoje trabalhamos basicamente com objetos digitais, e não propriamente com um livro digital, que converse o tempo todo com outras linguagens e mídias. Mas estamos nos preparando para esse livro do futuro. Infelizmente, o governo, que chegou a abrir inscrição de objetos digitais e chegou a comprá-los, desistiu dessa iniciativa. Claro que isso está relacionado com a crise econômica... Com essa decisão, todas as editoras frearam o investimento no digital. Além disso, nas escolas públicas, é crônico o problema da falta de equipamentos adequados e de manutenção deles. Nas escolas particulares, a realidade é muito diversificada. Há pouquíssimas escolas que trabalham apenas com o digital; algumas usam o impresso e o digital, e usam bem, mas a maioria ainda não usa ou usa muito pouco. Ainda há certo preconceito em relação ao uso de digital nas aulas, e os professores, além de precisarem se familiarizar mais com as ferramentas, precisam também passar a planejar suas aulas com o uso do digital. Ele não pode ser algo esporádico. Isso leva certo tempo, mas esse caminho me parece inevitável com o passar dos anos.